

## **2º Lugar: Afonso Caramano – Jaú – SP**

Não demorou a chegar. Ainda ao portão de ferro, ajeitou a casaca e entrou. Vinha com o coração de moço renovado, e soavam-lhe mais fortes aos ouvidos as palavras da cartomante que as do bilhete do amigo. Subiu os degraus de pedra com a displicente elegância dos amantes e a necessária cordialidade que se cultivava entre os homens civilizados. Ajeitou uma vez mais a casaca, mas não teve tempo de bater - apareceu-lhe Rita, como a figura de um espectro, puxando-o pelo braço antes que dissesse uma palavra.

- Ele o espera na saleta interior. Está armado. Tome isto - sussurrou, entregando-lhe uma arma. Vá, vá logo - insistiu, abraçando-o em desespero, entre soluços sufocados, antes de desaparecer no corredor.

Mal teve tempo de esconder a arma, Villela assomou à porta da saleta dando sinal para que entrasse. Vacilou num turbilhão desconexo em que se alternavam as imagens de Rita, do amigo, da cartomante. Quando se deu conta estavam ambos empunhando as armas, numa hesitação que durou o preciso instante dos disparos quase simultâneos. Caíram feridos. As armas ao chão, o cheiro de pólvora. Camilo arrastou-se até o canapé, a mão sobre o ventre empapado de sangue. Villela agonizava a um canto. Viram Rita entrar e cruzar a saleta, olhar frio, trejeitos graciosos. Dirigiu-se à escrivaninha, subtraiu da gaveta um maço de cartas, iguais as que Camilo recebera. Cuidando para não sujar-se de sangue, retirou do bolso do marido exangue outro envelope. Deixou a sala saltitando por sobre as pernas do moribundo. Villela e Camilo entreolharam-se com horror.

Lá fora, na esquina esperava-a uma caleça. A cartomante não errara de todo. Em seu interior, o terceiro, que a tudo ignorava, apertava entre as mãos suadas as passagens e relia o bilhete escrito a lápis pela sua amada.